

“A ÁFRICA QUE CÂMARA CASCUDO CRIOU”: uma construção paisagística de um lugar politicamente imaginado

José Walber Vieira de Oliveira⁴²

RESUMO:

Este trabalho problematiza os escritos de Luís da Câmara Cascudo e como ele sustentou uma ideia luso-tropicalista de Portugal como “nação civilizadora”, ratificando uma paisagem da África às margens da política colonial portuguesa. Assim, dialogaremos com Dennis Cosgrove (1998) para entender o conceito de paisagem enquanto uma “literatura imaginada” e com Yi-Fu Tuan (2015), que aborda o espaço e o lugar como construções baseadas nos sentimentos e entendimentos do indivíduo. Como metodologia, analisaremos fontes periódicas disponíveis nas hemerotecas digitais da Biblioteca Nacional e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, que contêm artigos, entrevistas, reportagens e depoimentos do próprio Cascudo sobre suas experiências com as culturas africanas.

PALAVRAS-CHAVE: Câmara Cascudo; África; Luso-Tropicalismo; Paisagem; Lugar.

“THE AFRICA THAT CÂMARA CASCUDO CREATED”: a landscape
construction of a politically imagined place

ABSTRACT:

This work problematizes the writings of Luís da Câmara Cascudo and how he supported a Luso-tropicalist idea of Portugal as a “civilizing nation”, ratifying an African landscape on the margins of Portuguese colonial policy. Therefore, we will dialogue with Dennis Cosgrove (1998) to understand the concept of landscape as an “imagined literature” and with Yi-Fu Tuan (2015), who approaches space and place as constructions based on the individual’s feelings and understandings. As a methodology, we will analyze periodic sources available in the digital newspaper

⁴² Mestrando em História e Espaço pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em História Regional e Saberes Locais – CNPq/UFCG/CFP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9272087436851817>. E-mail: josewalbervieira23@gmail.com

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade



libraries of the National Library and the National Center for Folklore and Popular Culture, which contain articles, interviews, reports and testimonies from Cascudo himself about his experiences with African cultures.

KEYWORDS: Câmara Cascudo; Africa; Luso-Tropicalism; Landscape; Place.

Um projeto em favor da política colonial portuguesa

Ao longo da minha trajetória acadêmica, debruçei-me sobre um tema de estudo até então pouco explorado. Este tema, que durante décadas ficou esquecido no ângulo morto da pesquisa histórica e sem visibilidade acadêmica, diz respeito ao itinerário político-cultural que Câmara Cascudo realizou durante uma pesquisa etnográfica realizada em torno do continente europeu e africano no ano de 1963⁴³.

Para compreendermos um pouco sobre esse itinerário, é necessário conhecer primeiro as principais características que antecederam sua realização, assim como é importante conhecer os sujeitos envolvidos nesta expedição. Destarte, começo destacando o intelectual e folclorista Luís da Câmara Cascudo, um norte-rio-grandense, que nasceu em 1898, dez anos após a abolição da escravidão no Brasil e onze anos após a queda da Monarquia (Brandão, 2023). Cresceu em uma família aristocrática e conviveu com ex-escravizados e escravocratas. Essas experiências possibilitaram, desde cedo, que ele mantivesse uma rede de sociabilidade com uma elite intelectual, pertencente também a uma camada econômica e política privilegiada.

Assim, seu legado intelectual ganhou destaque tanto nas esferas nacionais quanto internacionais, o que lhe possibilitou desbravar o Brasil e parte da Europa e da África para realizar pesquisas sobre a cultura popular brasileira. A título de

⁴³ Esse trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado que está em fase de desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN), cujo título é **“Viajar à África e percorrer províncias portuguesas do ultramar”**: Luís da Câmara Cascudo e a construção de um projeto político a serviço do governo português (1962-1967).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

exemplo, podemos destacar a pesquisa de cunho etnográfico realizada no continente africano para investigar as raízes da alimentação brasileira nas regiões que exportaram pessoas escravizadas para o Brasil.

Esta viagem começou a se consolidar em 1962, quando o mecenas dos *Diários Associados*, Francisco de Assis Chateaubriand (1892-1968), junto à Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II⁴⁴, estendeu um convite a Câmara Cascudo, que procurava um ensaísta para escrever um trabalho sobre um aspecto histórico do Brasil. Esse convite se tornaria mais uma das encomendas que a referida Sociedade estendia a este intelectual. Na ocasião de sua produção acadêmica, a Sociedade já havia delegado outras duas pesquisas a Cascudo: *Jangada* (1957) e *Rede de Dormir* (1959).

Em resposta a Chateaubriand, Cascudo aceitou integralmente o plano. Interessado pela proposta diante, Cascudo sugeriu realizar uma pesquisa etnográfica sobre a alimentação para entender a formação da cultura alimentar brasileira por meio das etnias indígena, africana e portuguesa. Tendo em vista que, à época, Cascudo já havia investigado o cardápio indígena e a ementa portuguesa, o que lhe faltava era analisar a culinária africana. Assim, propôs a Chateaubriand um estudo sobre a dieta africana, cujo local de pesquisa seria o continente africano, onde daria início a um estudo que abordasse a ideia de identidade alimentar brasileira.

Após os trâmites que asseguraram a organização da viagem, a pesquisa teve início em março de 1963, quando Câmara Cascudo deixou no Brasil (Rio Grande do Norte) sua calma provinciana e viajou inicialmente para a Europa, visitando países como Portugal e Espanha, privilegiando apenas as capitais, Lisboa e Madrid. Após concluir este percurso pela Europa, Cascudo seguiu rumo à África para estudar

⁴⁴ A Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II foi uma instituição produtora de saberes, fundada por Assis Chateaubriand, na França, no ano de 1954. Esta instituição permaneceu no exterior até o final da década de 1950, tendo que ser transferida para o Brasil, onde funcionou no Museu de Arte de São Paulo (MASP). A Sociedade existiu até meados de 1970, deixando uma vasta produção acadêmica/científica em torno da História do Brasil.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

aspectos culturais de países como Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, lugares que lhe permitiram se inteirar do espaço e dos processos de aculturação⁴⁵ ocorridos (Oliveira, 2023).

O que me inquieta diante dessa viagem é que, inicialmente, o plano apresentado por Câmara Cascudo à Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II era apenas viajar à África para investigar as raízes da alimentação brasileira e a formação da nossa cultura alimentícia. No entanto, percebo que, ao realizar a viagem em março de 1963, o plano que visava realizar uma sociologia da alimentação rapidamente se transformou em um projeto a serviço da política colonial portuguesa, quando Cascudo deixou o Brasil e partiu rumo à Europa para estreitar os laços políticos de Chateaubriand com o governo português.

A justificativa para tal pesquisa ter iniciado pela Europa e se tornado um projeto a serviço do governo português refere-se aos interesses particulares de Assis Chateaubriand em manter a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II vinculada a Conselhos Constitutivos⁴⁶ no exterior, onde teria suas pesquisas financiadas pelo governo português. Em troca, Portugal tinha objetivos específicos que seriam alcançados com tal pesquisa. O primeiro seria receber, do chefe dos *Diários Associados*, um destaque internacional, mostrando que ele investia na política ultramarina para alcançar um alto desenvolvimento nas suas concessões no continente africano. O segundo seria “[...] evidenciar a influência luso-africana na

⁴⁵ O termo aculturado é tratado neste trabalho a partir da perspectiva de Câmara Cascudo. Para este intelectual tanto a África quanto o Brasil passaram por uma dinâmica de aculturação ao longo do tempo. Este processo ocorreu sob a luz de uma ressignificação de elementos no interior da cultura africana, quando africanos passaram a ter contato direto com brasileiros, havendo uma inter-relação no seu campo cultural.

⁴⁶ Os Conselhos Constitutivos pertencentes à Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II foram corporações estrangeiras de empreendimento a pesquisa científica, que permaneceu em Portugal, Espanha e França, entre as décadas de 1950 a 1960. A sede deste Conselho era a referida Sociedade que, na época, estava localizada no Museu de Arte de São Paulo (Brasil). Sendo assim, Assis Chateaubriand era o responsável por esta tarefa, fazendo com que circulasse conhecimento entre esses países através das pesquisas que o Conselho promovia.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

cultura brasileira, o que constituiria um verdadeiro tratado de Portugal sobre o mundo” (Ribeiro, 1963, p. 3).

Esta viagem, que foi nomeada pelo próprio Câmara Cascudo como “gira mundo”, tomou início com o seu projeto em 1962, com ênfase para o ano de 1963, data em que a viagem foi realizada e concluída em maio do mesmo ano, quando Cascudo retornou ao Brasil com muitas fontes a serem estudadas. Como lembranças da África, este intelectual trouxe várias coleções etnográficas, anotações de pesquisas e toda uma série de informações que tratavam de aspectos sociais, políticos e culturais dos povos africanos. Essas fontes lhe renderam uma série de materiais que posteriormente foram publicados em artigos e matérias de jornais e revistas periódicas pertencentes aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

Diante desse material, percebemos como Cascudo construiu, em sua produção intelectual, uma paisagem histórica de um lugar — neste caso, a África — fundamentada em suas ideias, centradas à luz do ufanismo português, considerando Portugal como protagonista na “civilização” de suas colônias na África. Deste modo, buscamos, a partir dessas fontes, problematizar os escritos de Câmara Cascudo e analisar como ele sustentou uma ideia luso-tropicalista de Portugal como “nação civilizadora”, ratificando uma leitura da África às margens da política colonial portuguesa. Além disso, discutiremos como seu olhar eurocêntrico pode ser analisado a partir do conceito de Paisagem, trabalhado por Dennis Cosgrove (1998), e do conceito de Espaço e Lugar, operacionalizado por Yi-Fu Tuan (2015).

Entre paisagem e lugar: a visão social de Câmara Cascudo

Após retornar da África para o Brasil, uma das primeiras atividades de Câmara Cascudo foi historiar suas vivências a partir de suas experiências africanas. Sendo assim, seus relatos de viagem atravessaram a essência do continente africano e seus escritos traçaram análises e investigações etnográficas, ligadas a aspectos folclóricos e saberes considerados populares que estavam presentes no que o

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

próprio Cascudo chamou de “cotidiano negro”. Ademais, sua permanência naquele continente lhe propôs uma questão de familiarização com os aspectos sociais, políticos e culturais predominantes entre os africanos, que, para Cascudo, constituíam uma realidade diferente da que ele vivia no Brasil.

A experiência adquirida durante os três meses de permanência no continente africano permitiu-lhe perceber a África não apenas como uma paisagem, mas como um espaço que foi reconfigurado por sua visão ideológica sobre a política portuguesa, que colonizou grande parte do continente africano por meio de um sistema político sustentado por uma hegemonia ultranacionalista. Curvando-se ao colonialismo português, Cascudo acreditava que, sob a ótica colonial, o que Portugal fazia era uma forma de promover o progresso e a modernização dos territórios africanos, embora essa visão ignore o impacto adverso e os problemas associados à exploração e opressão colonial.

Diante do esboço de como era a África para Câmara Cascudo, é importante refletirmos sobre o conceito de paisagem e sua acepção para entendermos como ele construiu, em sua produção intelectual, uma paisagem baseada na ideia de Portugal como protagonista na “civilização” de suas colônias africanas. Para isso, discutiremos o conceito de paisagem à luz da perspectiva de Dennis Cosgrove (1998), que trabalha esse conceito a partir do que ele chama de “literatura imaginada” e o define com as seguintes palavras:

A paisagem denota o mundo externo mediado pela experiência humana subjetiva de uma forma que nem a região nem a área sugerem imediatamente. A paisagem não é meramente o mundo que vemos; é uma construção, uma composição desse mundo (Cosgrove, 1998, p. 13).

Na acepção mais ampla do que Cosgrove discute sobre esse conceito, percebe-se que a paisagem, além de ser construída, também é modificada, transformada e alterada em função de acontecimentos e ações humanas que ocorrem em virtude de suas experiências ao longo do tempo e do espaço. Assim, a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

paisagem se enquadra em uma categoria da literatura imaginada, por possuir um caráter ambíguo em razão de sua descrição sobre um fato real ou meramente imaginado. Em outras palavras, também podemos compreender a paisagem enquanto uma construção social e histórica, cujo objetivo se configura em caracterizar as relações entre grupos sociais e a natureza, visto que seu processo permeia ideias e propósitos que criam, compartilham e direcionam valores e concepções sobre aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Nesta ocasião em que pensamos a paisagem como um produto social que narra, descreve e atribui significado às transformações humanas, também consideramos a postura intelectual de Câmara Cascudo, quando enxergou a dominação portuguesa na África como uma intervenção política direcionada à “civilização” africana. Segundo sua perspectiva, a África estava estagnada em seus aspectos sociais, políticos e econômicos, e a ocupação colonial portuguesa era interpretada como uma tentativa de implementar políticas públicas destinadas ao desenvolvimento das províncias colonizadas.

A África Portuguesa é a África legítima, como Egito com o árabe ou Marrocos com o berbere. O encanto das culturas africanas é tão espontâneo e determinante como o nosso. Apenas o africano letrado exhibe sua cultura como uma atividade natural, que os séculos consagraram na sequência imutável, tão digna de respeito e de conservação, de análise e de aprêço, como a do espectador estrangeiro visitante (Cascudo, 1963, p. 86).

Como podemos perceber a partir das palavras de Câmara Cascudo, a imagem que ele cria e faz circular nos veículos de notícias do Brasil é a de que a África, de forma considerável, seria legítima apenas quando seu território e todos os elementos sociais, políticos, econômicos e culturais pertencessem ao sistema colonial e às ideologias portuguesas do regime salazarista.

Considerando que essa visão altamente eurocêntrica deve ser questionada, lamentavelmente, essa foi uma das narrativas veiculadas nos noticiários da rede midiática dos *Diários Associados* na década de 1960. Assim, sua interpretação

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

reverberou para que este continente pudesse ser pensado e construído imaginariamente com base em uma situação desconhecida, fora da realidade africana. A narrativa que Cascudo fazia sobre a África era uma descrição sob a perspectiva dos ideólogos do governo português; ou seja, sua concepção sobre o mundo africano ficou aprisionada aos ideários do colonialismo, vinculados ao seu pensamento mítico, que produzia uma África politicamente “construída” por Portugal.

Essa ideia de África proposta por Cascudo reflete muito do que Cosgrove discute ao afirmar que “a paisagem é uma forma de ver o mundo em que descobrimos suas ligações com estruturas e processos históricos” (1998, p. 17). Essa paisagem, que transcende as estruturas sociais e políticas, impacta a percepção do indivíduo ao compreender o mundo através das relações imaginadas que são frutos de suas experiências ao longo do tempo e do espaço. Desse modo, foram as experiências paisagísticas que Cascudo concebeu em torno das províncias africanas colonizadas pelos portugueses, quando pensou a África como um lugar ideologicamente construído pelas práticas exploratórias utilizadas para ocupar terras estrangeiras e desenvolver nesses locais uma doutrina política que transformou todo o modo de vida do cotidiano africano.

Um detalhe interessante da sua relação com Portugal é que foram esses laços políticos que viabilizaram sua pesquisa, tendo recebido efetivamente um suporte de uma política cultural luso-tropicalista do governo português. Assim, seu estudo foi consolidado de apoio, como foi destacado em uma entrevista realizada pelo jornalista Edmundo Keffel na revista *O Cruzeiro*.

Toda a minha viagem se realizou num ambiente compreensivo e generoso por parte do Governo. Governadores gerais, como o Almirante Sarmiento Rodrigues, de Moçambique, Coronel Silvino Silvério Marques, de Angola, e Comandante Vasco Rodrigues, da Guiné, foram inesgotáveis de bondade, quase direi de paciência, para comigo, facilitando todos os meios de condução, apresentação folclórica, visitas aos centros mais longínquos. (Cascudo, 1963 *apud* Keffel, 1963, p. 87).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

As condições políticas, econômicas e intelectuais que Cascudo encontrou na África foram favoráveis e fundamentais para suas análises etnográficas. Aceito em muitas regiões do continente, os lugares inspecionados durante a pesquisa serviram como ponto de partida para que ele identificasse e conhecesse constantes manifestações culturais associadas às práticas remanescentes na cultura popular brasileira, que estavam sendo analisadas e comparadas a outros aspectos culturais.

Em grande medida, sua permanência nas áreas colonizadas por Portugal foi uma estratégia para que Cascudo mantivesse na África um vínculo com autoridades políticas e pudesse cumprir o propósito que lhe foi designado por Assis Chateaubriand ao declarar seu objetivo, recordando que a expedição de Cascudo tinha também por missão “[...] declarar aos portugueses, na hora atual, os brasileiros estavam ‘presentes’ e que no Brasil não se era indiferente ao destino de Portugal nos outros pontos do ultramar” (Chateaubriand, 1963, p. 12).

Outro fator expressivo para pensarmos nesta missão de Câmara Cascudo no continente africano é refletir sobre o lugar em que este intelectual estava desenvolvendo sua pesquisa. Quando paramos e analisamos sua postura intelectual, percebemos que Cascudo estava concebendo uma ideia de África sem miséria, sem escravidão, tampouco um lugar governado por um sistema colonialista. Deste modo, é oportuno considerarmos os conceitos de espaço e lugar para compreendermos o meio em que Cascudo estava inserido diante da construção paisagística que ele estava criando sobre o mundo africano. Sendo assim, mobilizamos esses conceitos a partir das ideias trabalhadas por Yi-Fu Tuan (2015), que narra a ideia de espaço e lugar como um meio que conclui suas relações para um mesmo ponto que se constrói, se molda e se difunde a partir da experiência e dos sentimentos que envolvem o indivíduo e suas relações com o lugar em que ele está inserido.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Evidentemente, os conceitos de espaço e lugar que Tuan estabelece, sob sua perspectiva, são intimamente interligados às experiências e às práticas sociais que dialogam com “as ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’, que não podem ser definidas uma sem a outra. [...] Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (2015, p. 13). Este conceito, articulado entre os sentimentos do ser e suas experiências com o meio, reflete sobretudo a ligação existente entre o indivíduo e as camadas simbólicas que dizem respeito a questões sociais e políticas.

Trazendo este conceito para a perspectiva africana de Câmara Cascudo, nota-se que sua experiência com o continente africano, especialmente com as colônias portuguesas, sobressai em grande medida em relação ao seu lugar social. Cascudo, sujeito branco e pertencente à elite intelectual brasileira, sempre teve um lugar privilegiado na política, onde conseguiu se beneficiar do status intelectual para expressar seu ponto de vista político. Como exemplo disso, citamos novamente sua viagem à África por intermédio de Assis Chateaubriand, que na época desempenhava

“[...] um papel de relevo enquanto defensor de Salazar no Brasil, utilizando cientificamente o seu império mediático (e, entre 1957 e 1960, o seu estatuto de embaixador no Reino Unido) para silenciar os críticos do ditador português e os partidários da libertação africana” (Castro, 2015, p. 59).

Sua perspectiva enquanto sujeito político, embora rica em pesquisa, pode carecer de uma abordagem mais crítica sobre as relações de saber e poder que forjaram sua leitura sobre a África. Para definir sua atuação em um espaço constituído por laços políticos, Cascudo recebeu todo um aparato que viabilizou a realização de suas pesquisas sobre a alimentação, efetivadas graças ao apoio da política cultural luso-tropicalista do governo português, que consolidou seus estudos para que pudesse fazer uma leitura do governo português visando à colonização como um caminho para a civilização africana.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Parte dessa “viabilização” foi apresentada pelo próprio Câmara Cascudo quando escreveu um artigo para o *Diário de Pernambuco* em 1964, destacando a hospitalidade do governo português para o desenvolvimento de seus estudos.

Meus olhos estavam noutra posição. Fui estudar o negro na sua normalidade, na sua inalterável constituição humana, simples, emocionante. Quatro meses de curso com todos esses professores do cotidiano [...] tive tôdas as facilidades oficiais e colaboração por parte dos técnicos portugueses foi a mais completa e cordial experiência (Cascudo, 1964, p. 10).

As práticas desenvolvidas por Câmara Cascudo sob a égide de uma política luso-tropicalista no continente africano sistematizaram seu espaço e lugar de atuação enquanto sujeito que estava naquele continente com o propósito de estabelecer acordos por meio de uma mediação política. Nesse sentido, essa questão é visível quando se observa a menção que este intelectual fez ao governo português, onde as questões políticas são sempre colocadas à margem de uma hierarquização, narrando um Portugal como “nação civilizadora”.

Nesse contexto, Cascudo bebe da fonte esculpida pelo sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) ao pensar Portugal como nação responsável pelo desenvolvimento dos trópicos e construiu em seus discursos a ideia de luso-tropicalismo. Esta teoria, pensada para mostrar “o modo português de estar no mundo”, coloca Portugal em um suposto conjunto de características específicas nas regiões tropicais para servir ao Estado Português e, do ponto de vista ideológico, justificar sua política colonial (Castelo, 1999). Assumindo essa conduta, podemos compreender sua função enquanto intelectual que estava em um espaço praticando uma realidade política que, desde a década de 1930, vinha sendo discutida entre intelectuais que compactuavam os discursos luso-tropicalistas.

No entanto, essa teoria de caráter eurocêntrico deve ser questionada. Essa superioridade portuguesa postulada pelo luso-tropicalismo tinha como principal ferramenta um mito político frequentemente usado para criar uma realidade

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

inexistente. Em suma, Tuan (2015) compreende que tanto o espaço quanto o lugar passam por processos míticos, sendo possível haver uma relação do sujeito com esse espaço criado para suas práticas. Outrora, “os mitos florescem na ausência do conhecimento preciso. [...] Hoje em dia, os mitos políticos são tão comuns como as plantas daninhas” (Tuan, 2015, p. 107). Esta ideia de um espaço mítico diz respeito à visão de Câmara Cascudo sobre o continente africano. O que Cascudo “viu” na África e descreveu em sua produção intelectual eram coisas que, de fato, não existiam, como benefícios advindos das políticas públicas. Um pouco da paisagem pensada por este intelectual sobre os lugares que ele experienciou ao longo dos 20 mil quilômetros de percurso pela África pode ser vista na citação a seguir:

Foi de deslumbramento da minha impressão de Moçambique, pela ausência de qualquer preparo psicológico que justificasse a soberba realidade da tenacidade portuguesa na África. Tenho a impressão de que milhares de portugueses e milhões de brasileiros não têm a menor ideia da obra econômica, urbanística e social erguida na África (Cascudo, 1963, p. 6).

Dado o exposto, a visão de Cascudo sobre a África revela que seu pensamento luso-tropicalista permeia a realidade africana na década de 1960, quando ocorreu sua visita ao continente. Naquele momento, partes das províncias como Guiné-Bissau, Moçambique e Angola e outras estavam em guerra durante o processo de independência, e Portugal buscava cada vez mais explorar suas colônias e manter sua hegemonia política sobre o continente.

Diante desse contexto, Cascudo construiu, a partir daquela conjuntura política, uma espécie de paisagem histórica ao vivenciar “práticas experienciais de um lugar” (Tuan, 2015, p. 27), em um ambiente luso-tropicalista que influenciou sua visão eurocêntrica. Como afirmou Cosgrove, as experiências são as “[...] paisagens que representam uma forma historicamente específica de vivenciar o mundo” (1998, p. 17). Essa foi a perspectiva de Cascudo após sua experiência com o mundo africano. Assumindo a postura de defensor do governo de António Salazar (1889-1970), Cascudo idealiza, dentro de seu campo intelectual, uma paisagem de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

um continente ainda colonizado, mas com um alto desenvolvimento fruto da política colonial.

Considerações Finais

A ideia de que a colonização era um caminho para o desenvolvimento frequentemente desconsidera os danos profundos causados pela exploração e pela imposição de sistemas que não respeitaram as estruturas sociais, políticas e culturais locais. Assim, é evidente que o lugar social de Câmara Cascudo reflete sua profunda afinidade com a política portuguesa, que ignorava as contribuições e o potencial intrínseco das sociedades africanas. Em vez de reconhecer a colonização como um mecanismo prejudicial, que provocou um impacto devastador sobre a identidade de diversos povos, Cascudo sustentou um discurso luso-tropicalista, apresentando a política colonial portuguesa como um sistema protagonista na “civilização” de suas colônias na África.

Como admirador do sistema colonial e nacional do governo português, Câmara Cascudo assumiu o papel de defensor e propagandista da conjuntura política ultramarina, cuja influência intelectual repercutiu em diversas esferas sociais, tanto no âmbito nacional quanto internacional, durante o regime salazarista. Antônio Motta e Luiz Oliveira (2012, p. 236) observam que “Câmara Cascudo, também admirador do regime de Salazar, embora não tenha recebido do governo português as honrarias que Freyre, ele desfrutou em sua visita às províncias ultramarinas de Portugal e contou com todo apoio e simpatia do Estado Novo português.” Esse apoio recebido durante sua visita ao continente africano resultou em uma produção acadêmica significativa, uma vez que parte de seu trabalho foi construída em torno de narrativas que refletem sobre o seu posicionamento social e político.

Deste modo, ao construir uma visão da África, Cascudo perpetuou um olhar eurocêntrico que minimizava as vozes africanas e as realidades locais. Sua

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

perspectiva se alinha a um discurso que não apenas romantiza a colonização, mas também desconsidera as dinâmicas de resistência e a riqueza cultural daquelas sociedades. A paisagem que ele descreveu ficou, assim, atrelada à lógica da dominação, onde as experiências africanas eram interpretadas por uma lente que privilegiava a narrativa colonial. Portanto, essa abordagem ressalta a necessidade de um olhar crítico sobre sua obra e suas contribuições, reconhecendo que o eurocentrismo em seu pensamento contribuiu para a construção de uma imagem distorcida e redutiva da África.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ivone Agra. **Narrar a África e sonhar o Brasil**: as dimensões africanas nas obras de Luís de Câmara Cascudo. Tese (Doutorado em História), pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2023.

CHATEAUBRIAND, Assis. Cultura luso-hispano-brasileira: Estudos sobre a História do Brasil chega agora a Portugal e Espanha. **Jornal do Commercio**: Amazonas, 14 de abril de 1963.

CASCUDO, Luís da Câmara. Câmara Cascudo prepara último dos 3 volumes da sua História da Alimentação: Pesquisas será na África. **Diário de Pernambuco** – PE, 1964.

CASCUDO, Luís da Câmara. Câmara Cascudo elogia o governo português. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 1963.

CASCUDO, Luís da Câmara. Que comem os Negros Bantos? **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 03 ago. 1963.

CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo**. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto, Edições Afrontamentos, 1999.

CASTRO, Teresa. **“Nossos Irmãos, os Africanos”**: Luso-tropicalismo e propaganda. In: Maria do Carmo Piçarra. **A coleção colonial da Cinemateca**. Campo, contracampo, fora-de-campo. Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema em colaboração com a Aleph — Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial em 2015 e 2016. p. 58-67.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

COSGROVE, Dennis. 'Introduction' e 'The idea of landscape' In: **Social formation and symbolic landscape**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998, p. 1-38.

KEFFEL, Ed. Mestre Cascudo Descobre o Mestre Cuca Africano. **O Cruzeiro**: Revista – Rio de Janeiro, 03 de Agosto de 1963.

MOTTA, Antônio; OLIVEIRA, Luiz. Made in Africa: Gilberto Freyre, Câmara Cascudo e as continuidades do Atlântico Negro. In: LIVIO, Sansone (Org). **Memórias da África**: patrimônios, museus e políticas das identidades. Salvador: ÉDUFBA, 2012, p. 215-261.

OLIVEIRA, José Walber Vieira de. **A viagem começou**: Luís da Câmara Cascudo e construção de uma cultura popular alimentícia a partir de sua viagem à África (1928-1967). Monografia (Licenciatura em História) – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2023.

RIBEIRO, Ismael. Investigação de problemas da alimentação nas áreas exportadoras de escravidão. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 1963.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade